



Nos Canais de Mértola histórias do Guadiana

Pedro Ferro

O Guadiana tem aqui um traçado caprichoso. Estamos na zona dos Canais, no concelho de Mértola, a poucos quilómetros de Corte Gafo de Baixo e a uns passos da rocha da Galé, imponente no meio do rio. Um açude vai de margem a margem dificultando a passagem às lampreias que sobem a corrente para desovar. No açude há um moinho, parado vai para três anos. O rio, o açude e o moinho fizeram os homens. Um desses homens, temperados ao sabor das rgentes, é Joaquim Francisco Mestre. Tem hoje 72 anos. Foi moleiro, pescador, contrabandista.

Joaquim Mestre gosta do açude. Vê-se-lhe nos olhos

um recorde os 37 anos

que viveu na zona dos Canais

escutando o Guadiana

em baixo pulando o açude.

Foi para lá contratado

para ajudar de moleiro.

Depois, como moleiro, ins-

biu-se na casa situada na

costa, a única em quiló-

metros em redor.

— CHEIAS

— Esta casa — conta ele —

— feita na primavera de 1777, depois da grande cheia

— e 7 de Dezembro de 1876,

— quando as águas chegaram

meio da parede do Tribunal de Mértola. Foi a maior cheia do Guadiana. Ouvia-

— cantar aos mais antigos.

— Eu ainda não estava cá

— em 1946, quando se deu a

— grande cheia do rio.

— As águas viram cá —

— e a casa está aí a uns trinta

— metros de altura sobre o

— rio — recorda.

— As cheias marcaram o ri-

— o do moleiro-pescador.

— Quando o nível das águas

— subia, havia que retirar tu-

— do moinho, pôr a salvo

— os sacos de cereal, as pró-

— rias peças em madeira da

— cerca. Com as cheias vi-

— Joaquim Mestre: «de uma vez havia notícias que uma barragem espanhola estava em perigo. Pedi aos meus cunhados que viessem passar a noite comigo para me ajudarem a salvar as coisas se a água chegassem cá acima. Noutra ocasião — lembra ele — estava um grande temporal para os lados de Espanha. Aqui chovia há três ou quatro dias. O rio subiu de repente. Ao sol posto a água passava sobre o moinho. Quando eram dez da noite já tinha subido mais de 20 metros. Estavam aquí umas pessoas acolhidas que me ajudaram.»

— Era no tempo em que cada um fazia o seu pão e o moinho trabalhava todo o ano. «Vinha aqui muita gente de todo o lado. Tive dias de sozinho carregar, da outra margem, 48 cargas de trigo. Cartegava o trigo para cá e depois carregava a farinha para lá. Cada carga eram dois sacos, que vinham em bestas. O moinho só não trabalhava quando o rio ia muito cheio.»

— O CANEIRO

— A pesca também lhe ocupava a vida. No açude, juntamente ao moinho, há uma es-

— traçosa o rio, coroada de estacas de madeira e nelas um entrançado de ramos. É o caneiro, como lhe chama Joaquim Mestre. O rio é aqui estrangulado e a corrente é impetuosa.

— «Ninguém se lembra quando foi feito o caneiro. A lampreia tem a tendência de subir o rio nos meses de Fevereiro, Março e Abril.»

— Ao chegar ao açude a lampreia (ou o sável, a tainha, a saboga) tenta passar, mas de repente, é empurrada pela violência da corrente que a faz recuar prestando-a no caneiro, onde previamente uma rede é colocada.

— Joaquim Mestre trabalhava

— para um patrão. Pescava

— e ia vender a Mértola, uma

— hora a remar. «A todos os

— dias de barco a remos.

— Quando regressava custava

— mais, porque tinha o vento

— de frente. E vinha quase

— sempre carregado.»

— Mais tarde acabaram as

— idas diárias a Mértola com

— o pescado. «As pessoas pas-

— saram a vir aqui comprar o

— peixe para depois venderem

— nos outros lados.»

— Local de moagem de ce-

— reais — «há três anos foi

— aqui molida a última ceva-

— da» — sítio de pesca, os Ca-

— nais foram palco de uma vi-

— abalávamos de cima, ás

— balas faziam espir-

*— chegávamos lá de madruga-
da. Para cá trazíamos bom-
babinas, azeite, toucinho.*

*— Depois vendíamos por es-
ses montes e aqui mesmo.
Dormiam aqui. Eram mu-
lheres, raparigas, homens.
Montavam uma taberna co-
mo se fosse feira e dança-
vam. Joaquim Mestre a tu-
do assistiu.*

CONTRABANDO

*— Assistiu a acontecimentos agradáveis e a outros desa-
gradáveis. Os Canais são mu-
ltas vidas. Vidas, vezem, por ve-
zes em fuga, como a dos re-
fugiados da Guerra Civil es-
panhola. Figuras escuras, ve-
rostos famélicos que encon-
travam abrigo aqui junto ao açude, no moinho e na casa.*

*— Fugidos de Franco, es-
condidos da GNR e de ou-
tros, que os denunciavam e
devolviam a Espanha, para a
frente de pelotões de exe-
cução falangistas na praça de touros de Badajoz.*

— «Houve um espanhol que esteve três anos escondido em Corte Sines. Os mesmos que o protegeram foram os mesmos que o denunciaram. Foi fuzilado. Era um bom homem. E vinha quase

— sempre carregado.»

— Mais tarde acabaram as

— idas diárias a Mértola com

— o pescado. «As pessoas pas-

— saram a vir aqui comprar o

— peixe para depois venderem

— nos outros lados.»

— Local de moagem de ce-

— reais — «há três anos foi

— aqui molida a última ceva-

— da» — sítio de pesca, os Ca-

— nais foram palco de uma vi-

— abalávamos de cima, ás

— balas faziam espir-

*— um tiro. A nossa sorte foi
esconder-nos atrás de um
cerro.»*

— Joaquim Francisco Mestre: 37 anos de Guadiana, um contador de histórias, com muitas na bagagem.

*— Desde há três anos que um só bago de cereal não é moido no moinho dos Canais. Os Canais viram passar o grão e a farinha, as-
sistiram todos os anos à pas-
agem das lampreias, escu-
tararam os horrores contados pelos fugitivos da guerra de Espanha, foram caminho de contrabandistas de mochila*

— às costas.

— «Dantes haviam nuvens de pomos bravos no Guadiana. Agora, nos Canais há um ninho, sobre uma coluna em pedra, e cinco cegonhas — a mãe e as crias. São poucas mas livres.

*— A Câmara de Mértola ain-
da não possui nenhum es-
tudo sobre os Canais. Admite
contudo poder vir ali a in-
vestir no turismo.*

*— Os Canais têm muitas his-
tórias para contar. Os pe-
ixes sobem e descem o rio.
Há lojinhos nas margens e as cegonhas poiam ás ve-
zes na rocha da Galé afir-
mando que aquele espaço é
só. O açude, o caneiro e o*

*— moinho viram passar mu-
itas águas. No local há res-
tos de fogueiras e petiscos.
E ainda um lugar de con-
vívio. Joaquim Mestre tem*

*— uma vida de remar contra a corrente. As lampreias so-
bem o rio, algumas vencem o açude e vão desovar lá
longe. Também elas nadam*

— para a cova.»